CB
26/3/98 2

CONFLITO

Índios em guerra na Bahia e no Pará

Conflitos no Pará e na Bahia durante todo o dia de ontem colocaram em cheque a posição da Fundação Nacional do Índio (Funai). Cerca de 180 índios xicrins, da reserva Cateté, no Sul do Pará, armados de flechas e bordunas, bloquearam ontem a rodovia que liga Parauapebas (PA) à área industrial de Carajás e tomaram dois funcionários da Funai como reféns.

Na Bahia, a situação no município de Banzaê, a 296 quilômetros de Salvador, permanecia tensa ao início da noite, apesar da presença do Batalhão de Choque da Polícia Militar, que está na cidade desde terça. Duas facções da tribo Kiriri ameaçam entrar em guerra. O grupo liderado pelo cacique Manoel Batista continua ameaçando invadir o povoado de Marcação, dominado pela facção do cacique Lázaro de Souza.

O conflito era apenas uma questão de tempo na Região de Carajás, ao sul do Pará. Os índios estavam acampados há alguns dias numa fazenda em Parauapebas e ameaçavam interditar a ferrovia Carajás—Ponta da Madeira, por onde escoa o minério de ferro da Companhia Vale do Rio Doce.

Finalmente as ameaças se tornaram realidade e a situação ficou muito tensa na região. A rodovia bloqueada dá acesso à mina de Carajás e o tráfego de veículos pesados, que transportam produtos químicos e equipamentos, está parado. Alguns caminhoneiros tentaram furar o bloqueio, mas logo desistiram quando

os xicrins lançaram flechas para o ar.

A tribo tomou dois diretores da Funai como reféns, Carlos Loureiro e José Luiz Montenegro, não permitiu que os trabalhadores da empresa deixassem a cidade de Carajás e atacou a bordunadas o chefe de segurança da Vale do Rio Doce, Wladimir Marques, que se aproximou para negociar enquanto os índios dançavam e cantavam, pintados para a guerra. Para retirar seu pessoal da mina, a Vale usou helicópteros.

IMPACIÊNCIA

Os xicrins alegavam que se cansaram de esperar uma resposta da Funai sobre um projeto de manejo florestal em suas reservas, de 40 mil hectares, para a exploração de castanha-do-pará e madeira. Segundo o cacique Krankanhem, o projeto está engavetado em Brasília há dez anos.

Por volta do meio-dia, eles desocuparam a rodovia, mas se mantiveram prontos para um conflito até o final da tarde, quando aceitaram uma proposta do presidente da Funai, Sullivan Silvestre. A proposta abre negociações do órgão do governo com as dez lideranças indígenas da área. A reunião será feita hoje, na sede da Funai, em Brasília.

“Fiz o convite e mandei dez passagens para as lideranças para que eles venham aqui conversar comigo porque eu não poderia ir até lá”, disse Silvestre. Ele adiantou que o organismo que dirige não é contra o projeto

de manejo florestal nas reservas indígenas, mas quer fazer um acompanhamento do trabalho, para estudar os possíveis problemas ambientais que possam surgir. “A Funai não é contra o projeto, mas, como se trata de algo experimental, vamos acompanhar o desenvolvimento para verificar se não trará algum tipo de prejuízo”, garantiu.

A reunião contará com o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Milton Seligman, que promete estudar uma solução

CONFLITO TRIBAL

A prefeita de Banzaê, na Bahia, Jailma Gama, criticou a falta de atitude do governo federal. Segundo ela, até agora, nenhum representante foi enviado até o município para negociar a paz entre os dois grupos rivais da tribo Kiriri. Por causa do conflito, 700 famílias foram obrigadas a deixar suas casas e estão em lugares improvisados. Mais de três mil alunos estão sem aula. A saúde da população também foi afetada. Segundo Gama, já foram registrados casos de hepatite, diarreia e desidratação entre os moradores de Banzaê.

Na terça, os índios ligados a Manoel Batista ocuparam o povoado de Araçás, mas não houve confrontos com os brancos. A briga dos kiriris liderados pelo cacique Lázaro Souza contra os próprios índios ligados a Manoel Batista e brancos começou há uma semana. O grupo de Lázaro é acusado de ter ferido índios rivais.